

OPINIÃO

ENTRELINHAS

DENGUE

Mais morna do que as anteriores, a sessão da Câmara de Bauru desta segunda-feira (14) foi marcada por críticas de vereadores ao cenário municipal da dengue, doença que já fez duas vítimas em Bauru somente neste ano.

DE NOVO...

Ex-presidente da Casa, o vereador Júnior Rodrigues (PSD) foi taxativo ao dizer que “nunca passamos o que estamos passando agora”. “Estamos enfrentando quatro sorotipos da dengue. Isso nunca aconteceu. Pelo terceiro ano seguido a dengue é epidemia”, disse o parlamentar, acrescentando que este é um trabalho que não se limita à Secretaria de Saúde.

VARREDURA

“É preciso uma varredura na cidade. Fazer limpeza, capinação, principalmente nos locais de maior incidência da dengue. E a população também deve realizar a sua parte. Se nada for feito, poderemos chorar mortes no dia de amanhã”, criticou o vereador, que defende a contratação de mais agentes comunitários de saúde.

CRITICOU

André Maldonado (PP) também abordou o tema. Em discurso na tribuna da Câmara, exibiu imagens de duas residências cujas piscinas estavam repleta de lodo – sem limpeza, portanto. E mais: afirmou que um município chegou a denunciar a situação, mas sem retorno da administração.

NÃO PELO CONTEÚDO...

Já o vereador Arnaldo Ribeiro (Avante) admitiu ter se surpreendido ao descobrir que um de seus projetos – que ampliava a transparência nos processos que tramitam na Secretaria de Planejamento (Seplan) – foi sumariamente vetado pela prefeita Suéllen Rosim (PSD), de quem é vice-líder na Câmara.

...MAS PELA FORMA

O descontentamento, disse Arnaldo, se dá não pelos termos do veto, mas pela forma com que o parlamentar recebeu a notícia. “Até na hora de falar ‘não’ precisamos sentar, olhar no olho e dizer ‘não’. Não foi o que ocorreu hoje. Quero acreditar que foi pela correria”, lamentou.

‘PARA INGLÊS VER’

O vereador José Roberto Segalla (União Brasil) vê uma contradição elementar na declaração da Prefeitura de Bauru segundo a qual o desfalque de cinco ambulâncias no Sistema de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) não acarretou prejuízo aos atendimentos. “Se não houve prejuízo, como diz a administração, essas ambulâncias eram mesmo necessárias?”, indagou o parlamentar ao comentar reportagem deste JC sobre o tema.

PERGUNTAR NÃO OFENDE

Quanto custa uma rubrica?



Bauru e o Plano de Arborização: uma necessidade urgente!

RICARDO CARRIJO

Parece que agora vai! Mas há muito tempo nossa Bauru Sem Limites carece de um Plano de Arborização ou melhor que isso não só da contratação de um plano, mas de ações efetivas quanto a esta condição básica para que possamos melhorar a nossa qualidade de vida no ambiente urbano da cidade onde vivemos.

Há muito tempo ouvimos discursos sobre a importância da elaboração de um Plano, pelos menos na esfera do Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente, a primeira vez que o assunto do plano veio à tona no Conselho foi em meados de 2015 e dez anos já se passaram e ainda nada aconteceu.

O desconhecimento das diretrizes municipais de arborização que são públicas e estão disponíveis no site da Semma e também a desinformação da maioria dos cidadãos quanto as responsabilidades que cada município tem em conservar e dar manutenção adequada as espécies arbóreas existentes na frente de cada residência faz com que tenhamos cada vez mais graves problemas de quedas de árvores em situações frequentes de chuvas e ventos fortes; destruição de calçadas; problemas de entupimento de esgotos e tubulações subterrâneas; quedas de energia elétrica com diversos tipos de prejuízo e o riscos eminentes de até perdas de vidas.

Temos que registrar que as manutenções das muitas árvores plantadas nas praças e espaços públicos são de responsabilidade exclusiva da Prefeitura e da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e que a estrutura existente para este trabalho é totalmente desproporcional as necessidades de manutenção existentes.

Não bastassem estas situações ainda temos as consequências da falta de planejamento na escolha de espécies ao longo de anos e ainda os impactos da recente mudança na legislação municipal que transferiu parte da responsabilidade das podas para a iniciativa privada ou melhor para a concessionária que explora os serviços públicos de energia elétrica e que tem como objetivo principal evitar as responsabilidades decorrentes da queda de fornecimento do insumo vital que fornecem.

Outra constatação triste e evidente é que ao longo do trecho urbano onde corre o Rio Bauru e outros de seus afluentes temos a presença de

milhares e milhares de árvores leucenas, uma espécie invasora que naturalmente se multiplica rapidamente e acaba criando problemas na qualidade ambiental urbana e paisagística da Sem Limites. Esta situação das leucenas invasoras só tende a se agravar pela própria característica deste tipo de vegetação. É preciso atentar a esta situação cada vez mais caótica.

Por outro lado, vale registrar que merecem aplausos e elogios algumas iniciativas privadas isoladas para a preservação de nossos recursos hídricos com ações efetivas como o plantio de centenas arvores na região da nascente do Rio Batalha por voluntários e abnegados do Fórum Pro Batalha. Quanto as dezenas de arvores tombadas (no bom sentido!) por razões históricas (exceto a maravilhosa e bem exposta espécie de Copaíba da Getúlio Vargas) muito pouco se faz para conservá-las, sinalizá-las e pasmem para apenas conservá-las com podas e tratamento adequado. Em especial na principal praça da cidade, a Praça Rui Barbosa onde há diversas arvores quase centenárias é muito fácil constatar que faltam podas regulares, sinalizações adequadas para identificar e proteger as espécies raras e ações para conservar que as arvores que nossos antepassados plantaram na esperança de deixar para as gerações futuras uma Sem Limites com mais qualidade de vida.

Inúmeros estudos qualificados já apontaram uma correlação estatística muito forte entre a existência de uma arborização adequada e melhores índices de qualidade de vida e uma relação estatística inversa com as questões de violência e criminalidade.

Há inúmeros exemplos no Brasil em cidades como Goiânia, Maringá, Indaiatuba e outras que já se preocuparam há tempos com esta questão e que hoje já se beneficiam de ter um Plano de Arborização adequado e de desfrutar de uma cidade verde com um ar mais puro e agradável.

Os moradores da Sem Limites merecem respeito, melhor qualidade de vida e vamos torcer para que o recente anúncio de contratação do Plano de Arborização saía do papel e transforme a paisagem urbana o mais rápido possível.

● **O autor** é professor do Centro Universitário Bauru – ITE, é economista, administrador, mestre em Administração e doutor em Engenharia de Produção.

É falta de vergonha na cara

PAULO PANOSSIAN

Enquanto o País retrocede por falta de aprovação de projetos que priorizam clamores da população, um Congresso, quase paralisado, com um governo improdutivo sugerindo também que seja debatido o projeto afrontoso de anistia total e irrestrita aos vândalos, ou criminosos brasileiros que tentaram, sob a liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro, dar um Golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023, é muita falta de vergonha na cara e compromisso com a Nação.

TRIBUNA DO LEITOR

QUANDO DOIS CONTINENTES APERTAM AS MÃOS

De vez em quando, a história dá um passo à frente justamente quando parece tropeçar. A ascensão de Donald Trump e sua política de tarifas protecionistas, tão barulhenta quanto um trovão, podem, ironicamente, estar acelerando um dos projetos mais silenciosos e promissores do comércio internacional: o acordo entre Mercosul e União Europeia.

Sim, o mundo gira — e Trump gira contra. Enquanto os Estados Unidos se trancam em suas próprias fronteiras e redescobrem o nacionalismo como um velho casaco mofado, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e os 27 países da União Europeia ensaiam um movimento contrário. Acordos como este são mais do que cifras e documentos: são gestos de confiança em tempos de incerteza, pontes construídas entre continentes que escolheram dialogar em vez de erguer muros.

O Mercosul e a União Europeia juntos somam 718 milhões de pessoas e um PIB de 22 trilhões de dólares. É um número que se equipara ao dos Estados Unidos — e que mostra que a relevância geopolítica não é exclusividade de quem grita mais alto, mas de quem sabe estender a mão. O comércio entre Brasil e Europa já movimentava cerca de 92 bilhões de dólares. Com o acordo, as empresas europeias economizarão cerca de 4 bilhões de euros por ano em tarifas. E o mais importante: empregos serão gerados, rendas elevadas, ideias trocadas.

Mas não sejamos ingênuos: o caminho ainda é sinuoso. O protecionismo europeu, disfarçado de preocupação ambiental, ressuscita a velha cautela contra os gigantes do agronegócio sul-americano. A França de Emmanuel Macron já classificou o acordo como “inaceitável” — embora, agora, diante da porta que Trump bateu na cara dos europeus, talvez o “inaceitável” se torne “urgente”. É hora de lembrar que este tratado não é apenas um contrato comercial. É uma declaração de intenções. Em um mundo cada vez mais fraturado, ele representa uma tentativa de união. É a reafirmação de que ainda é possível apostar na cooperação, no livre comércio e na diplomacia como alternativas à gritaria das redes sociais e à chantagem tarifária.

Ao Brasil — e ao Mercosul — cabe fazer sua parte: retomar com firmeza os compromissos ambientais e civilizatórios que justificam essa aliança. A Europa, por sua vez, precisa enxergar além de seus temores agrícolas e reconhecer a oportunidade histórica de fortalecer uma parceria estratégica.

O mundo está em movimento e, enquanto uns se isolam, outros se encontram. Que este acordo, tão aguardado quanto necessário, seja a nossa forma de dizer, em alto e bom som: não vamos retroceder. Vamos juntos.

● **Gregório José**
● Jornalista/Radialista/Filósofo

● **TRIBUNA DO LEITOR**
http://www.jcnet.com.br
email: cartas@jcnet.com.br

● **O autor** é colaborador de Opinião